



Vivacidade – uma experiência de produção em rádio e TV com idosos de Campinas¹

Autor: Reginaldo Moreira²

Pontifícia da Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas

Universidade de São Paulo - USP

Resumo:

A representação do idoso, por meio dos veículos audiovisuais de comunicação de massa, faz com que a sociedade construa uma imagem a respeito da velhice e do envelhecimento, que na maioria das vezes não corresponde à diversidade e à subjetividade desta população. A imagem, construída culturalmente, tem nos meios, um importante aliado para a formação da opinião pública, porém o que se percebe é que os idosos ainda são representados através de estereótipos, reforçando o estigma social que carrega. A educação por meio da leitura crítica da mídia e a produção de programas de rádio e televisão sobre o tema Terceira Idade, está sendo experimentada no Projeto de Extensão “Oficina de Rádio e TV para a Terceira Idade - O recurso à disposição para os que têm mais a contar”, na PUC-Campinas.

Palavras-chave: velhice; universidade da terceira idade; mídia alternativa; jornalismo comunitário; comunicação educativa.

Introdução:

Este artigo tem como objetivo revelar a importância da comunicação na vida dos idosos, que por meio da participação ativa do Projeto de Extensão “Oficina de Rádio e TV para a Terceira Idade - O recurso à disposição para os que têm mais a contar”, têm a oportunidade de representar suas identidades em veículos de comunicação de massa. Ao protagonizarem a criação, as pautas, a elaboração, a gravação e a edição dos programas de rádio e televisão, num processo educacional, advindos do jornalismo comunitário, os

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação para a Cidadania.

² Jornalista; mestre em Gerontologia, pela Faculdade de Educação da Unicamp; professor da Faculdade Jornalismo da PUC-Campinas; aluno regular do curso de Doutorado da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, na área de concentração: Interfaces Sociais da Comunicação, e diretor do programa de rádio Maluco Beleza. Email: regismoreira@hotmail.com



idosos estão podendo se apresentar de maneira mais diversa e subjetiva, que a mídia convencional os representa.

A experiência da realização de programas de rádio e televisão criados por pessoas da terceira idade e para este mesmo público, teve início em março de 2007, como Projeto de Extensão da PUC-Campinas, coordenado pelo autor deste artigo. O objetivo é a capacitação dos idosos participantes da Universidade da Terceira Idade desta instituição de ensino, para que posteriormente esses idosos se tornem multiplicadores do aprendizado às pessoas com idade avançada da região central da cidade de Campinas, interior de São Paulo, onde se encontra o maior índice de moradores com idade avançada, para que produzam seus próprios programas, tendo como eixo norteador os direitos humanos e a promoção da cidadania. O estímulo à participação dos envolvidos, tem despertado neles o interesse pelas mídias e despertado a importância de cada um, na construção de uma nova sociedade. Esta população, que mais viveu, tem muito mais experiências acumuladas para partilhar, o que fortalece o papel de memória viva e atuante, e pretende-se trazer aos telespectadores e radiouvintes uma contribuição, na construção de um novo olhar sobre a população idosa da cidade, contribuindo para a diminuição do preconceito relativo à velhice.

Este artigo focará o processo educacional desenvolvido junto aos idosos, o papel da mídia em relação a esta população e a importância da participação das pessoas da terceira idade na proposta, fazendo o recorte específico na produção dos primeiros programas que estão sendo desenvolvidos por eles, em fase de finalização, mas ainda não veiculados.

O envelhecimento populacional

O crescimento da população idosa do Brasil faz com que ele se encontre entre os dez países com maior número de velhos do mundo. Este novo panorama populacional, porém, não tem garantido e ampliado os direitos fundamentais à saúde, à cidadania e à participação social. O país ainda carece de uma política pública para as pessoas da terceira idade.

O envelhecimento populacional é um fenômeno tanto nacional, como mundial. No Brasil, desde 1940 estudiosos revelam:

“O crescimento da população idosa torna-se cada vez mais relevante porque já supera o crescimento da população total. Com efeito, isso já ocorria em 1940 e se manteve nos últimos 50 anos. Enquanto o crescimento médio anual no período 1940-50 era de 2,34%, o da população idosa era de 2,57%. A partir de 1960 a população total, como já vimos, teve seu crescimento desacelerado, o que só ocorreu em 1991 com a população de 65 anos e mais”. BERQUÓ (1999 : 17)

Segundo análise realizada em 1999, por Elza Berquó, Presidente da Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, referindo-se à chamada terceira idade:

“Projeções feitas até 2000 apontam para uma redução no crescimento desse segmento populacional até 2010, voltando a crescer entre 2010 e 2020, para alcançar taxa de 3,80% ao ano. Isso estará ocorrendo enquanto a população total continuará experimentando descenso em seu ritmo de crescimento, chegando a uma taxa de 1% entre 2010 e 2020”. BERQUÓ (1999 : 17)

E acrescenta:

“Pensando em termos de futuro, espera-se chegar ao final do século com 8.658.000 idosos, ou seja, 1 em cada 20 brasileiros terá 65 anos e mais. Esse número crescerá para 16.224.000 em 2020, quando 1 em cada 13 pertencerá à população idosa”. BERQUÓ (1999 : 20)

Os dados apresentados são importantes para que se trace um panorama quantitativo da população e sua tendência ao envelhecimento. Deve-se tomar cuidado, porém, para não tornar superficial o olhar sobre este fenômeno. A velhice é uma categoria socialmente produzida. O ciclo biológico do ser humano, considerado natural, deve ser entendido dentro de uma perspectiva que contemple o olhar sobre a construção sócio-histórica da velhice, e as diferentes formas de envelhecer presentes nas sociedades.



Estigma x subjetividade da pessoa idosa

Um das missões mais árduas para a população idosa é provar à sociedade constantemente que estão vivos e capazes. Continuar sendo uma pessoa na velhice requer uma militância por parte dos idosos, ou dos que por eles lutam. Na apresentação do livro de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*, Marilena de Souza Chauí questiona:

“Que é ser velho?, pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem. ...Que é, pois, ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver”. BOSI (2003 : 18)

A subjetividade e a identidade do idoso, via de regra, não são levados em consideração pela sociedade. O estigma, os estereótipos e o preconceito são calcados pela aparência física do corpo que envelhece. Imprimi-se sobre o sujeito com maior idade um estigma, uma produção ideológica e social, desconsiderando a heterogeneidade dos idosos. A psicóloga Elisabete Mercadante, em seu artigo *A Identidade e a Subjetividade do Idoso*, escrito para a Revista Kairós, analisa estas questões:

“Velhice, passa a ser, assim, uma categoria cronológica externa, que classifica os indivíduos. Mede-se por um tempo externo (anos, meses, dias, horas) toda uma experiência vivida dos sujeitos. Não se concebe nem tampouco se compreende o tempo como sendo o sujeito humano”. MERCADANTE (1998 : 61)

A visão estigmatizada da sociedade sobre o idoso tem como contrapartida o estigma de jovem, considerado belo, saudável e consumidor. O processo de envelhecimento dá seus primeiros sinais através do corpo. As rugas, os cabelos grisalhos, a calvície, entre tantos outros, são demonstrativos da passagem do tempo, e,

portanto, do próprio envelhecer. Numa sociedade que supervaloriza o jovem, os sinais de envelhecimento podem significar perdas para as pessoas.

“A noção de estigma é bastante esclarecedora, no sentido de auxiliar o entendimento da velhice. A velhice, no seu sentido estigmatizado propõe uma avaliação ampliada a partir da aparência do corpo envelhecido – marcas físicas visíveis – para a mente. Há, assim, na concepção estigmatizada de velho, uma correlação explícita entre o corpo e a mente, entre o declínio físico e, também, conseqüentemente – pela lógica linear – da deterioração da mente”. MERCADANTE (1998 : 62)

O idoso deveria ser compreendido em sua diversidade e sua subjetividade. O olhar sobre o velho deve ser ampliado, atentando para a alteridade nas várias formas de velhice e de envelhecimento. Uma visão simplista sobre o velho, realizada somente a partir dos sinais aparentes do corpo, leva-nos a avaliações cada vez mais distantes da essência deste velho. Há de se buscar o que há por detrás das aparências deste ser velho, qual sua essência, sua identidade, sua singularidade.

Mesmo que o processo de envelhecimento ainda seja tratado, na maioria das vezes, como um momento de perdas em relação a muitos aspectos da vida, pode-se afirmar que, à revelia destas perdas, encontra-se o acúmulo de informações e experiências vivenciadas, o que revela o idoso como um ser repleto de conteúdo.

A Universidade da Terceira Idade

A primeira experiência com Universidade da Terceira Idade realizada no Brasil aconteceu na PUC-Campinas, no ano de 1990. Esta experiência serviu, posteriormente, para o desenvolvimento de cursos semelhantes, espalhados por todo país. Trata-se de um curso de extensão universitária e atualização cultural voltado para pessoas a partir de 45 anos, tendo como pré-requisito, a alfabetização.

O curso conta com professores de todas as áreas de conhecimento, inclusive do jornalismo, e serve como reciclagem às pessoas que se encontram na terceira idade. A Universidade é mais um espaço de convivência e troca de saberes entre os idosos e educadores, que serve para ampliar a participação social. Esta educação permanente tem



como objetivo estimular a reinserção social dos alunos. Esta Universidade conta hoje com cerca de 200 alunos.

O desenvolvimento inicial do Projeto de Extensão “Oficina de Rádio e TV para a Terceira Idade - O recurso à disposição para os que têm mais a contar” surge a partir deste espaço, localizado na região central da cidade de Campinas, onde se encontra o maior contingente de moradores idosos. A partir da capacitação deste grupo para a realização de programas de rádio e televisão, o grupo se abrirá à participação de outros idosos, também não participantes da Universidade da Terceira Idade, para que se torne, ainda mais, um espaço democrático de participação social e de extensão junto à comunidade da cidade, espaço real de exercício de cidadania, conforme revela Marcos F. Martins:

“A própria etimologia da palavra cidadania nos remete, seja em sua matriz latina (“civitas”, palavra da qual derivará cidadão), seja na grega (“pólis”, termo do qual deriva político), à participação do indivíduo no gerenciamento da cidade”.
MARTINS (2000: 114)

Mais uma possibilidade do jornalismo comunitário

A educação para os meios rádio e televisão, tem sido desenvolvida por meio do jornalismo comunitário, que possibilita a participação social de pessoas, na maioria das vezes marginalizadas socialmente, como produtores da informação jornalística, visando a construção de cidadania dos idosos envolvidos. “Com a comunicação você tá sempre atual, né? Tá sempre aprendendo, tá sempre em dia, então eu gosto muito” – relata a participante Sebastiana Antônia Rodrigues, auxiliar administrativo aposentada.

A produção dos programas realizados pelos participantes do projeto está dando sentido novos sentidos à vida deles:

“Com o projeto eu aprendi a me conhecer melhor. Eu achei que não era capaz de fazer nada disso e incentivada pelo professor, eu consegui fazer coisas que eu jamais esperaria ter feito”. (Maria José Reis Vucomanovick – professora aposentada)



O jornalismo realizado de forma comunitária requer a ruptura entre os papéis de educador e o educando, entre o produtor e o receptor da comunicação, estimulando a interatividade. Todos os quadros dos programas, as pautas, as vinhetas, as músicas, os locutores, enfim, todo conteúdo dos programas de rádio e TV foram e são sugeridos e desenvolvidos pelos participantes.

“Participar do projeto é excepcional. Uma coisa que eu sonhei muito e hoje to podendo realizar... Aqui nós estamos aprendendo e ensinando há todo momento, e isso dá sim, uma melhora no nosso astral, na nossa convivência”. (Maria de Lourdes Colavite – Professora aposentada)

No surgimento de impasse em relação a qualquer sugestão, como por exemplo, quando vários participantes desejam executar a mesma tarefa, ou se a sugestão de tema ou pauta para o programa se faz de forma abundante, exercita-se a democracia com o grupo: todas as sugestões são acolhidas e colocadas em votação. No final da apuração, a que vencer é a que permanece. Esta forma tem colaborado com a harmonia do grupo, que nem sempre se mostra consensual diante dos impasses.

Todo conteúdo surge dos participantes do projeto e é pautado na construção e reconstrução da cidadania dos idosos, muitas vezes marginalizados, ou mal retratados, na mídia convencional. A esta forma de comunicação popular, Cecília M. Krohling Peruzzo revela em seu livro “Comunicação nos movimentos populares”:

“A comunicação popular (...) contribui para a democratização da sociedade e a conquista da cidadania. Que não significa só alguém poder votar a cada cinco anos naqueles que vão decidir por ele, mas também aprender a participar politicamente da leitura do bairro e da escola para os filhos, a apresentar sua canção e seu desejo de mudança, a denunciar condições indignas, a exigir seus direitos de usufruir da riqueza gerada por todos, por



meio de melhores benefícios sociais e de salários mais justos, a organizar-se e a trabalhar coletivamente”. PERUZZO (1998 : 158)

Esta forma participativa de produzir jornalismo tem se mostrado importante para a mobilização dos idosos envolvidos com a produção dos programas. É possível notar o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a mídia comercial, que se mostram atentos a como são tratadas as pautas pertinentes a eles.

A auto-estima dos participantes tem melhorado. Idosos que chegaram inseguros, achando-se incapazes de produzir comunicação, hoje se dizem mais seguros e prontos para realizar os desafios como, por exemplo, enfrentar um estúdio de televisão, realizar uma enquetes de rua ou gravar uma entrevista.

“Desde pequena eu cantava no rádio, gostava muito de participar dos programas infantis. Depois cresci, me casei, não mais freqüentei o rádio e agora veio uma oportunidade ótima para eu participar e eu to muito feliz”. (Ilza Sassi – Dona de casa)

O conteúdo

Todo conteúdo dos programas de rádio e televisão foram amplamente sugeridos, discutidos, analisados e escolhidos pelos participantes, por meio de votação democrática. O nome e o slogan escolhido para os dois programas foi único: Vivacidade – um programa feito para crianças que cresceram bastante.

O formato dos programas é radiorevista, que possibilita a utilização da informação jornalística, como também do entretenimento. A cada programa, um tema será abordado. Para a realização dos primeiros programas, o tema escolhido para rádio foi “Turismo na terceira idade”, e para a televisão foi “Avós modernos”.

Rádio

O programa de rádio é composto por diversos quadros, como entrevista, radionovela, músicas, enquetes e opinião. A entrevista que contará com um especialista sobre o assunto abordado. Já a enquete, denominada “O Povo Fala”, uma mesma



pergunta foi aplicada a várias pessoas, para saber a opinião do povo a respeito do assunto. A pergunta escolhida foi - “Qual o lugar mais distante para o qual você viajou?”

O programa tem uma identidade desde a abertura, em que os locutores dão boas-vindas, apresentando ao público o tema abordado naquele programa. Duas músicas são escolhidas e executadas durante o programa, no quadro “Cantinho Musical”, em consonância com o tema abordado. No primeiro, sobre turismo, as músicas escolhidas foram “Vamos fugir”, de Gilberto Gil, e “Vilarejo”, de Marisa Monte.

O resgate da radionovela tem sido um exercício muito interessante para os participantes, que vivenciaram a fase de ouro do rádio. O quadro leva o nome de “Viva Novela”, e apresenta uma história, de um único episódio por programa, tendo por base uma história de vida real, sugerida pelos participantes. No primeiro programa a história foi sugerida por Maria de Lourdes, que remonta um episódio de sua vida, em que sua filha lhe presenteou no dia das mães com um jarro azul, conquistado com a venda de sapatinhos de crochê, produzidos por ela mesma.

O quadro “Talento não tem Idade” valoriza a produção artística dos envolvidos. O idoso pode mostrar sua produção musical, literária, ou de outra área. Para o primeiro programa uma crônica e uma poesia foram apresentados por duas integrantes do projeto.

O programa conta também com o quadro “Opinião”, que apresenta o ponto de vista dos participantes sobre o tema abordado. O quadro “Bem viver” é composto de um testemunho, dando dicas sobre sua longevidade.

Televisão

Para o anúncio do programa, foram gravadas vinhetas, na primeira visita que os idosos fizeram aos estúdios de televisão da Faculdade Jornalismo da PUC-Campinas. O exercício proposto diante das câmeras foi de apresentação individual e um convite ao telespectador para o programa. O resultado foi muito positivo. A espontaneidade com que cada um se apresentou, revelou as singularidades dos participantes.

O programa de TV é composto por vários quadros. “Você sabia?” é o nome do quadro de entrevistas, em que um especialista sobre o assunto aborda o tema escolhido. O programa conta com um quadro sobre educação, que visa revelar processos educacionais inovadores, tanto formais, como não-formais, e leva o nome de “Vivendo e Aprendendo”.

Na área da saúde, a intenção é falar sobre prevenção e nunca focar em doenças, sempre identificadas com esta fase da vida. “Viva Melhor” é o nome deste quadro. Os

direitos também são tratados pelos participantes em “Direitos e Deveres”. A intenção é revelar os direitos e estimular os idosos na busca pela cidadania plena. “A Hora do Show” é o quadro em que os idosos revelam suas potencialidades artísticas diante das câmeras.

Como se comporta a pessoa de terceira idade com relação aos relacionamentos, namoros, sexo, moda... Esses e outros temas sobre comportamento estão no quadro “Jeito de Ser”. O humor também faz parte do programa, no quadro “Só-rindo”. “Memórias” é o nome do quadro em que a equipe do programa irá ao encontro de um entrevistado da terceira idade, para que ele conte sua história, com o objetivo de valorizar e partilhar o saber e a experiência de vida.

“Sua opinião é importante” é o nome da enquête realizada. Neste primeiro programa, com tema “Avós Modernos”, a equipe questionou pessoas em praça pública, no centro da cidade. Aos mais jovens a pergunta foi: - “Você considera seus avós modernos? Por quê?” e aos mais velhos: - “O que é ser moderno para você?”

Veiculação

Uma parceria foi fechada com o canal universitário da cidade para veiculação do programa de televisão. A TV PUC-Campinas, que vai ao ar pela tv a cabo, abriu as portas para a divulgação do projeto. A intenção é levar o projeto para um canal aberto, que facilite o acesso de idosos também não assinantes da tv a cabo, o que pode ser atingido, a partir desta primeira parceria conquistada.

O programa de rádio será veiculado pelas rádios comunitárias da cidade. O desejo dos participantes é que ele seja também apresentado numa rádio de maior amplitude. A partir da finalização do primeiro programa, a proposta será apresentada à Rádio Educativa da cidade, para uma possível parceria.

Resultados esperados

Os resultados esperados pelo projeto são muitos. Com os participantes, espera-se que a educação para os meios de rádio e televisão possibilite a ampliação de um olhar crítico e desperte uma participação social cada vez maior.



“Acho que participar do projeto vai abrir bem os nossos horizontes. A gente vai poder desenvolver mais, em todos os ângulos, né. Ter mais desembaraço, conseguir falar mais em público, se expressar...” (Luizamélia Viegas Rodrigues – Professora aposentada e artista plástico)

A expectativa estende-se também ao público-alvo: idosos que venham a ouvir e ver os programas produzidos nas oficinas de rádio e de televisão, que descubram novas possibilidades, novas maneiras de viver a idade madura, e que fortaleçam sua auto-estima.

O público-agregado, ou seja, familiares e pessoas que venham a ter contato com o conteúdo produzido pelos idosos/comunicadores pode ter uma maior valorização da pessoa idosa e a diminuir o preconceito, muitas vezes ainda existente.

Nos bastidores do projeto, espera-se que os alunos e os funcionários, que, de alguma forma, venham a se envolver com a produção dos programas, possam ter ganhos de convívio junto aos idosos, transformando paradigmas e conceitos relativos à população idosa.

“Eu estou me sentindo realizado, porque a proposta do projeto é esta, você estar interagindo com os idosos e sempre em convívio, propondo conversas, diálogos, para crescimento individual e do grupo também, né. Você aprende muito com as conversas que tem com eles, aprende com as histórias, com os ensinamentos e chego à conclusão que eles são muito sábios”. (Antônio Costa Júnior – estudante de jornalismo e monitor do projeto)

BIBLIOGRAFIA

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o Envelhecimento da População no Brasil, in Velhice e Sociedade. DEBERT, Guita & NERI, Anita (orgs). Campinas, Papirus, 1999.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.



MARTINS, Marcos F. *Uma “Catarsis” no conceito de Cidadania: do Cidadão Cliente à Cidadania com valor Ético-político*. Campinas: Revista Phrónesis, Pós- Graduação em Filosofia da PUC-Campinas, v.2, no.2, p. 106 -118, jul/dez, 2000.

MERCADANTE, Elisabete. *A Identidade e a Subjetividade do Idoso*. São Paulo, Revista Kairós, 1998.

PERUZZO, Cícilia M. Krohling. *Comunicação nos movimentos populares*. Petrópolis: Vozes, 1999.